
Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Júlia Rodrigues, 18, e Isadora Ribeiro, 21, respectivamente cofundadora e fundadora do coletivo Narrativas Negras e autoras do livro de mesmo nome que conta a história de mulheres negras |

Foto: Maiara Laila/[El País](#)

Aprendizagem e inspiração

Resenha de *Mulheres pretas da educação*: Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, do Coletivo Narrativas Negras

Recebido em 20/09/2025 e publicado em 20/07/2026

Mikaelly Jheyne Santos (UFS)

Resumo: *Mulheres pretas da educação*: Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, do Coletivo Narrativas Negras se propõe a apresentar biografias de mulheres negras relevantes para a educação e a cultura brasileira. Como pontos negativos, destacam-se a imprecisão do título e falhas de contextualização. Como positivos, destacam-se linguagem acessível, ilustrações e valorização de intelectuais negras.

Palavras-chave: mulheres negras; biografia; Carolina de Jesus; Conceição Evaristo; Beatriz Nascimento.

O livro “*Mulheres pretas da educação: Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo*”, do Coletivo Narrativas Negras [1], foi lançado em 2020, pela editora Voo com o objetivo de expor aos leitores as biografias de mulheres pretas que marcaram a história da Educação. É uma versão reduzida do livro *Narrativas Negras: biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras*, também da editora Voo.



O coletivo Narrativas Negras, criado pela designer Isadora Ribeiro dos Santos, é formado exclusivamente por mulheres, sendo elas ilustradoras, designers e escritoras. Seu principal projeto é o livro *Narrativas Negras*, que busca contar as histórias de mulheres negras na construção social, política e cultural do Brasil. Além do livro, o coletivo se destaca por sua atuação em redes sociais e na realização de oficinas e workshops sobre questões raciais.

O livro possui três partes. Na primeira, as autoras apresentam ao leitor a história de vida da escritora Conceição Evaristo, de seu nascimento aos dias atuais, e tratam do seu considerável sucesso na área literária. As autoras nos falam sobre as opressões que Evaristo sofreu, sua formação no primário, aos 25 anos de idade, conciliando os estudos com o trabalho de empregada doméstica, o fato de não conseguir atuar como professora em sua cidade, pois apenas aqueles que possuíam conhecidos influentes alcançavam tal feito. Somos apresentados ainda à explicação sobre o início do seu interesse pela leitura. Evaristo foi estimulada por sua mãe que, sendo analfabeta, sabia da importância da educação e levava para casa materiais que instigavam a leitura e a criatividade da filha. A obra também destaca a trajetória da escritora, que publicou inicialmente por meios alternativos, até conquistar sucesso, primeiro fora do Brasil e depois nacionalmente. Trata das características de suas personagens, mulheres e homens negros, trabalhadores que andam de transporte público, moradores de favela, que representam grande parte da população brasileira, em especial nos explicita que ela constrói personagens que são mulheres negras sensíveis, gentis, com sexualidade, amores, anseios e dotadas de intelectualidade, que geram identificação entre as leitoras negras. Conceição Evaristo utiliza o espaço que possui na mídia para falar em nome dos seus, expor e lutar contra as opressões sobre as mulheres e o racismo estrutural.

Na segunda parte do livro somos apresentados à historiadora Beatriz Nascimento, uma das grandes intelectuais sergipanas. Ela e sua família migraram de Aracaju para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. Aos 26 anos, ingressa no curso de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde iniciou sua trajetória como pesquisadora ao debater questões de raça e de gênero na sociedade. Após a formatura, lecionou em uma escola estadual e continuou a carreira acadêmica ao ingressar na pós-graduação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Ao se colocar como pesquisadora e intelectual, Nascimento rompeu com o processo de invisibilidade da mulher negra universitária, em um meio sexista e racista, que constantemente excluía as mulheres e suas produções intelectuais. Ela falava da mulher negra enquanto ser social antes e depois da escravidão, sua inserção no mercado de trabalho, que colocou essas mulheres em atividades subalternizadas, e da sua relação com a afetividade, visto que a sociedade impunha um padrão estético feminino embranquecido, deixando para as mulheres negras pouco espaço para uma relação confortável com seu próprio corpo e com o corpo de seus iguais. Sua trajetória de luta contra a opressão foi interrompida pela violência de gênero: ela foi assassinada ao defender uma amiga de um relacionamento abusivo.

A terceira parte do livro aborda a vida e a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, nascida no ano de 1914, neta de um ex-escravizado, a quem ela atribuía enorme sabedoria. Filha de uma empregada doméstica, que lutou para conseguir um emprego e se estabelecer em uma

sociedade em que persistiam vestígios das desigualdades raciais e sociais oriundas da escravidão, Carolina foi a primeira pessoa da família a aprender a ler e a escrever, apesar das dificuldades de aprendizagem e do racismo dos colegas. Sua trajetória de vida, no entanto, foi atravessada por diversas dificuldades, como a interrupção dos estudos e migração em busca de trabalho. Tempos depois, ficou órfã de mãe, tendo novamente que migrar. Teve três filhos e, entre as diversas ocupações para conseguir se sustentar e sustentá-los, trabalhou como catadora de papel nas ruas, ofício que lhe permitia achar e guardar folhas, cadernos e papelão, material que utilizava para continuar a produzir literatura. Ela escrevia sobre suas dores, as transformações da cidade em que vivia e as opressões sofridas. O reconhecimento de sua obra veio com o auxílio de um jornalista. Seu livro, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, foi publicado e traduzido em diversas línguas, se tornando o primeiros best-seller de uma escritora brasileira negra, o que não garantiu, no entanto, estabilidade financeira ou a oportunidade de voltar a estudar. Carolina de Jesus publicou alguns outros livros de forma independente, mas, por falar em seus livros sobre a fome, as consequências da modernização de São Paulo sobre o povo pobre, a opressão e o descaso do Estado e da sociedade civil para com os vulneráveis, Carolina faleceu na pobreza, apesar de seu importante feito na literatura nacional.

Não há dúvidas de que o livro amplia o conhecimento e faz justiça com as personagens retratadas, ainda que alguns problemas na edição possam ser apontados. O título é impreciso. Ao explicitar que essas mulheres são da educação, as autoras sugerem, de forma indireta, que o texto falará da dimensão da influência dessas mulheres na educação, o que não ocorre. Apenas algumas frases ou parágrafos citam que elas são importantes, tendo livros ou documentários que são relevantes para falar sobre os estereótipos e as opressões de raça e de gênero. No entanto, o livro não se aprofunda na importância de Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo para a educação em geral, não informa se suas obras estão disponíveis gratuitamente, se são obrigatórias no ensino básico, se fazem parte das leituras nas universidades ou se são debatidas em espaços culturais. Além disso, o minilivro em questão se inicia em uma ordem diferente da exposta em seu título e só apresenta os objetivos ao final da primeira seção do livro. A obra também faz referência a Beatriz Nascimento como contemporânea de Teresa Santos e Lélia Gonzalez, mas sem explicitar quem são as duas mulheres e qual sua importância. Assim, deixa uma sentença solta e sem sentido no texto para aqueles que estão sendo apresentados às causas sociais e aos seus grandes contribuidores.

Os benefícios da obra superam as ausências. Ele apresenta a imagem das mulheres, o que ajuda o leitor a conhecer melhor e a se identificar com as retratadas. A sua linguagem é bastante clara, sem rebuscamento acadêmico, o que permite que o público geral leia e compreenda facilmente a trajetória de vida dessas mulheres. Ressaltamos também a importância da atitude das autoras de apresentar a trajetória de vida e as produções intelectuais de mulheres negras que fizeram história, tanto lutando na universidade quanto publicando seus escritos e suas vivências. Isso permite que essas mulheres sejam retiradas da sua invisibilidade, pois ao conhecer essas histórias, muitas outras mulheres podem ser influenciadas a seguir a profissão delas ou lutar contra as violências e a favor de uma sociedade mais justa.

Ao final, podemos afirmar que o texto cumpriu parcialmente o objetivo proposto, pois citou de modo simplificado a trajetória das mulheres na educação. Contudo, é uma obra que contribui para a formação de profissionais da educação e de cidadãos no geral, devendo ser lida por professores e futuros professores, estudiosos e militantes da causa das mulheres, escritores e por todos aqueles que acreditam no poder da educação para mudar a vida dos cidadãos.

Nota

1. O coletivo Narrativas Negras é formado pelas ilustradoras: Alda Gomes, Amanda Daphne, Amma, Ana Luisa Maisonnave, Anna Cunha, Áustria Fernandes, Beatriz Gabino, Bruna Melo, Daiely Gonçalves, Dani Fonseca, Dika Araujo, Fabiola Teixeira, Flávia Borges, Flávia Carvalho, Francisca Nzenze, Gabi Almeida, Gabriela Emmerich, Helena Butturini, Ina Gouveia, Isabella Souto, Isadora Ribeiro, Karen Couto, Lígia Mattos, Luísa Castro, Manoela Campos, Marcela Guimarães, Mariana Seragi, Mayara Smith, Mika, Millene Vilela, Nicolle Bustamante, Pamela Araújo, Prisca Paes, Rachel Gomes, Rayssa Da Penha, Soo Sakai, Suryara Bernadi, Theodora Moreira e Veri S.A. (Fonte: [Editora Voo](#))

Referências

COLETIVO NARRATIVAS NEGRAS. *Mulheres pretas da educação*. Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Voo, 2020.

EDITORA VOO. Coletivo Narrativas Negras. Consultado em 16 jul. 2026. Disponível em < https://www.editoravoo.com.br/autor/coletivo-narrativas-negras/?srsltid=AfmBOopCFNVaKTHKA2wXX3ssNvjLBM3F8EgzYbmy8qVk_ak_WZvOc_rn>.

Sumário de “Mulheres pretas da educação: Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo”

1. Conceição Evaristo
2. Beatriz Nascimento
3. Carolina de Jesus

Resenhista



Mikaelly Jheyne Santos é licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3640942264049100>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1055-2594>; e-mail: mikajheyne@gmail.com.

Para citar esta resenha

SANTOS, Mikaelly Jheiny. Aprendizado e inspiração. Resenha de: COLETIVO NARRATIVAS NEGRAS. *Mulheres pretas da educação*. Beatriz Nascimento, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Voo, 2020. 30 p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 30, p. 21-25, jul. / ago., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).